

Automedicação em adultos: o risco envolvido, fatores predisponentes e como amenizar esse hábito.

¹ Álvaro Carvalho Rocha 

² Lorrán Augusto Amaro da Silva 

³ José Roberto Barroso Arantes 

1 Aluno do 10º período do Curso de Medicina do UniFOA

2 Aluno do 10º período do Curso de Medicina do UniFOA

3 Professor do Curso de Medicina do UniFOA

RESUMO

A automedicação é um mal enraizado na sociedade brasileira e acontece por diversos fatores: falta de serviço público adequado, rotina em grandes capitais, falta de informação sobre os malefícios causados, livre acesso a informações na internet e alto número de farmácias que precisam lucrar. Dentro desse trabalho buscamos em artigos já publicados e em sites relacionados a saúde entender como isso prejudica a sociedade atual e como podemos atuar para diminuir essa prática. Além disso, buscamos entender como a automedicação afetou a sociedade no período de pandemia e como a internet pode disseminar informações falsas. Dentro desses objetivos tivemos a constatação que o perfil socioeconômico está diretamente ligado a automedicação, além disso o estresse e a rotina influenciam no hábito e a maioria das pessoas que fazem uso de medicamentos sem receita tem entre 25-35 anos, confirmando o ponto abordado acima. Para finalizar, acreditamos que a união entre órgãos do governo pode ajudar e amenizar esse hábito, junto com propagandas expondo os riscos para a população.

Palavras-chave:

automedicação; adultos.

ABSTRACT

Self-medication is an evil rooted in Brazilian society and occurs due to several factors: lack of adequate public service, routine in large capitals, lack of information about the harm caused, free access to information on the internet and high number of pharmacies that need to make a profit. Within this work, we sought in articles already published and on health-related websites to understand how this harms today's society and how we can reduce this practice. In addition, we seek to understand how self-medication affected society during the pandemic and how the internet can spread false information. Within these objectives, we found that the socioeconomic profile is directly linked to self-medication, in adult, stress and routine influence the habit and most people who use over-the-counter medications are between 25-35 years old, confirming the point discussed above. Finally, we believe that the union between government agencies can help and alleviate this habit, along with advertisements exposing the risks for the population.

Keywords:

self-medication; adults.

1 INTRODUÇÃO

Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), a automedicação é a seleção e uso de medicamentos para tratar sintomas e doenças autorreferidas sem o aconselhamento do profissional de saúde qualificado para determinada função, compreendendo etapa do autocuidado. No âmbito comunitário, a automedicação racional pode poupar recursos nos casos de tratamento para as menores enfermidades, bem como reduzir ausências no trabalho em virtude dos pequenos sintomas. No entanto, a automedicação possui riscos inerentes, mesmo constituindo importante forma de autocuidado na população. A utilização de medicamento sem prescrição pode ocasionar graves consequências à saúde individual e coletiva da população (DOMINGUES, et al, 2017).

Para se ter uma ideia da dimensão e da gravidade do problema, a Organização Mundial da Saúde, a OMS, calcula que mais de 50% de todos os medicamentos são prescritos, dispensados ou vendidos de forma inadequada. Além disso, metade de todos os pacientes não faz uso dos medicamentos corretamente. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022).

Apesar dos avanços, persistem dificuldades de acesso, demora e baixa qualidade do atendimento nos serviços de saúde, tanto do setor público quanto do privado. Soma-se a esses aspectos, a veiculação de propagandas de medicamentos isentos de prescrição na mídia, a presença da farmacinha caseira nos domicílios e a crença de que os medicamentos resolvem tudo, constituindo fatores importantes para a prática da automedicação (ARRAIS, et al, 2016).

O objetivo desse trabalho consiste em verificar na literatura a problemática envolvida na automedicação, os fatores envolvidos, quais medicamentos são mais utilizados e principalmente se existe uma maneira de diminuir o índice de pessoas que utilizam fármacos sem prescrição médica. Todavia, com o envelhecimento populacional em âmbito nacional e internacional associado com o acesso à informação por meio da internet, possibilitam o aumento do consumo de medicamentos para tratamento de enfermidades sem orientação médica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Medicamentos são importantes bens sociais. Sua utilização pela população brasileira é alta e influenciada por vários fatores. Dentre estes, o aumento da expectativa de vida da população e o conseqüente aumento da carga de doença crônica, o surgimento de novas e velhas doenças transmissíveis, o aumento da prevalência dos transtornos de humor, as doenças resultantes da degradação do meio ambiente, da poluição ambiental e das mudanças climáticas, e os crescentes investimentos financeiros por parte do governo brasileiro para garantir o acesso universal aos serviços de saúde (ARRAIS, et al, 2016).

De acordo com Filler (et al, 2020): Estudos realizados em diferentes regiões do Brasil apontam que a faixa etária de jovens e adultos se destaca entre as que possuem maiores taxas de incidência da automedicação, apresentando alta heterogeneidade referente esta prática e aos fatores associados. Alguns responsáveis pela estimulação deste uso inadequado nesta população são: a facilidade na aquisição de medicamentos; o fácil acesso as informações disponíveis na Internet; as recomendações por pessoas próximas e funcionários das farmácias; a carência de políticas públicas inerentes aos riscos desses comportamentos; e as propagandas massivas.

Os medicamentos mais comuns na praticada automedicação no Brasil, de acordo com ICTQ (Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação), no ano de 2018, estão: analgésicos (48%), anti-inflamatórios (31%), relaxantes musculares (26%), antitérmicos (19%), descongestionantes nasais (15%), expectorantes (13%), antiácidos (10%) e antibióticos (10 %) (CENTRO DE INFORMAÇÃO DE MEDICAMENTOS, 2020).

A dependência também é uma complicação e decorre de algumas substâncias que proporcionam mais chances de vício quando tomadas em doses incorretas e por tempo além do indicado por um médico. Por último, há também a resistência ao medicamento, nesse caso o uso indiscriminado de um remédio pode facilitar o aumento da resistência dos microrganismos àquela substância. No caso dos antibióticos, por exemplo, pode prejudicar a eficácia de tratamentos em infecções futuras (PFIZER, 2020).

Nessa época de pandemia, acentuou-se a busca por remédios por conta própria em todo território brasileiro. De acordo com o Conselho Federal de Farmácia (CFF), em 2020, medicamentos como a hidroxicloroquina (antimalárico), a ivermectina (vermífugo) e a nitazoxanida (antiparasitário) tiveram altas expressivas nas vendas decorrentes de buscas por prevenção ou cura a covid-19 (COPASS, 2021).

3 MÉTODOS

Esse estudo resulta de uma revisão narrativa de abordagem qualitativa baseada na análise e coleta de dados a partir de artigos científicos e páginas da Web. A elaboração dessa revisão teve como objetivo a análise e melhor compreensão a respeito dos parâmetros de automedicação em âmbito nacional comparado com território internacional, visando ressaltar e identificar pautas para melhor controle de tal situação.

Para esse fim, as plataformas utilizadas foram PubMed, Scielo e Google Acadêmico. Para a escolha dos melhores artigos utilizamos o termo automedicação (self medication) presente no DeCS, tendo como resultado cerca de 1200 artigos. Para delimitar mais, associamos o termo adulto (adult), também presente no DeCS, com isso, nossa busca caiu para cerca de 700 publicações. Buscando trabalhos mais atuais, inserimos o filtro para controle de data, limitando apenas para artigos feitos a partir de 2010, como resultado encontramos 400 artigos dentro do padrão. Aprofundamos ainda mais a pesquisa com o filtro específico para certos tipos de artigo, nos quais foram selecionados: ensaio clínico (clinical

trail), metanálise (meta-analysis), teste controlado e aleatório (randomized controlled trial), análise (review) e análise sistêmica (systematic review). Como resultado escolhemos 8 artigos para compor nosso estudo, todos os artigos estão presente na referência.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1 – Resultados da análise dos artigos

NOME DO ARTIGO	CONTRIBUIÇÃO	REFERÊNCIA
Caracterização de uma amostra de jovens e adultos em relação à prática de automedicação.	Esse artigo exemplificou que a automedicação é um problema de saúde pública. Foi realizada uma pesquisa com 184 pessoas com o intuito de compreender os motivos que levam a automedicação. A pesquisa contou com 184 participantes, a maioria do gênero feminino (80,4%), jovens entre 18 à 25 anos (66,3%), brancos (69,9%). Além disso constatou-se que 73,4% usam o sistema privado de saúde para consultas, trazendo à tona uma hipótese – o sistema público tem estrutura para atender a população com qualidade?	FILLER, Luiz Nilson <i>et al.</i> Caracterização de uma amostra de jovens e adultos em relação à prática de automedicação. Revista Psicologia e Saúde em Debate. Minas Gerais, v. 6, n 2. 2020. Disponível em: < http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/V6N2A27 >. Acesso em: 27 set. 2021
Uso de analgésicos e o risco da automedicação em amostra de população urbana: estudo transversal.	Esse estudo contribuiu expondo os 3 tipos mais comum de fármacos usados em dor crônica: paracetamol, dipirona e anti-inflamatórios não esteroidais (AINES). Além disso foi possível identificar a preferência por esses remédios em comparação com opióides. No entanto, é necessária uma melhor avaliação acerca dos medicamentos, levando em consideração a intensidade da dor e o nível de informação do paciente.	BARROS, Guilherme Antonio Moreira de <i>et al.</i> Uso de analgésicos e o risco da automedicação em amostra de população urbana: estudo transversal. Revista Brasileira de Anestesiologia. São Paulo, v. 69, n 6. 2019. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/rba/a/DyZDfz5z3XkzNrV3GGfn-jRg/?lang=pt >. Acesso em: 27 set. 2021.
Prevalência da automedicação no Brasil e os fatores associados.	Nesse artigo foram entrevistadas 41 mil pessoas, um excelente número, que nos permite uma análise mais profunda. Além disso, buscaram identificar os fatores responsáveis pela automedicação e como resposta: baixa qualidade no serviço, seja público ou privado e alta propaganda de medicamentos. Levaram em conta características sociodemográficas, condições de saúde, acesso à informação, sexo, idade, cor de pele e escolaridade.	ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado <i>et al.</i> Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. Revista de Saúde Pública. São Paulo, v. 50, n 13. 2016. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/rsp/a/PNCVwkVMbZYwHvKN9b-4ZxRh/?format=html >. Acesso em: 27 set.2021.

<p>Fatores associados à automedicação entre os jovens e adultos – uma revisão integrativa da literatura.</p>	<p>O artigo possibilita analisar e questionar a relevância da automedicação no território nacional. Entretanto, as pautas utilizadas viabilizam uma interpretação mais criteriosa sobre os perigos relacionados a compra de medicamentos de forma autônoma. A falta de informação e diferenças socioeconômicas apresentam-se como fatores de altíssima relevância para a presença, de forma descontrolada, da automedicação.</p>	<p>CORREIA, Bruna de Carvalho et al. Fatores correlacionados a automedicação entre os jovens e adultos: uma revisão integrativa da literatura. Revista de Iniciação Científica e Extensão. Goiás, v. 2, n 1. 2019. Disponível em: <https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/143>. Acesso em 27 set. 2021.</p>
<p>Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional.</p>	<p>A pesquisa envolveu pessoas de 18 a 65 anos, envolvendo fatores demográficos, como: sexo, idade, escolaridade e residentes por domicílio. Os resultados revelaram que entre os principais fatores relacionados a prática da automedicação estão o estresse, rotina e alto nível de trabalho.</p>	<p>DOMINGUES, Paulo Henrique Faria et al. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. Epidemiologia e Serviços de Saúde. Brasília, v. 26, n 2. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/FD-7s5rP6RwrhLqLVBThgGQR/?lang=pt>. Acesso em: 27 set.2021.</p>
<p>Perfil da automedicação Brasil.</p>	<p>O artigo possibilitou identificar os pilares da automedicação no Brasil, colocando em análise fatores como idade, sexo e entendimento populacional sobre a pauta em questão. Contudo, visando a realização da pesquisa em diferentes locais do país, foi possível contabilizar os medicamentos e as causas mais relacionadas a medicação autônoma em cada estado analisado.</p>	<p>ARRAIS, Paulo Sérgio D. et al. Perfil da automedicação no Brasil. Revista de Saúde Pública. Journal Of Public Health. São Paulo, v.31, n 1. 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/yMXnDgvKwzmqB7VcyYL-JJcT/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 set. 2021.</p>

Fonte: Filler (et. al., 2020), Barros (et. al., 2019), Arrais (et. al. 2016), Correia (et. al., 2019), Domingues (et. al., 2017), Arrais (et. al., 1997).

De acordo com o Filler et al., (2020), o perfil da automedicação pode ser dividido entre responsável ou irresponsável. O perfil responsável é identificado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma prática benéfica à sociedade e ao indivíduo, complementando o sistema de saúde. Entretanto, a utilização de medicamentos de forma indiscriminada e sem prescrição médica, correspondem à inúmeras consequências associadas ao autodiagnóstico errôneo acarretando em má utilização das medicações.

Continuando, Filler et al., (2020), mostraram que os medicamentos mais relacionados com a prática de automedicação são os Medicamentos Isentos de Prescrição Médica (MIPs) e principalmente, entre os brasileiros, formam os antitérmicos e analgésicos. Todavia, a relação entre o fácil acesso à informa-

ção por meio da internet com a facilidade de compra desses medicamentos, determinam o perfil epidemiológico da questão em debate. Contudo, o gênero feminino lidera com 68,5% o ranking de pessoas que mais utilizam medicações sem prescrição médica em relação à amostra de 184 pessoas participantes da pesquisa.

Para Barros et al., (2019), a automedicação analgésica é praticada por 78,4% dos portadores de doença crônica. Os medicamentos mais utilizados são os anti-inflamatórios não esteroides (AINES), dipirona e paracetamol. A utilização desses medicamentos está relacionada à facilidade de aquisição e também por consequência da pouca prescrição de analgésicos mais potentes, como os opioides. A principal razão para a presença de DC, segundo a percepção do entrevistado, está relacionada à atividade laboral (18,4%), seguida por dores pós-cirurgia ou trauma (15,3%) e dores musculoesqueléticas (11,1%) (dados não apresentados). Entretanto, 9,5% dos indivíduos com DC não souberam apontar o motivo da presença da dor (BARROS, 2019, p. 5).

De acordo com o artigo *Prevalance of self-medication in Brazil and associated factors*, os medicamentos isentos de prescrição dominam em 65,5% nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, além de estarem relacionados principalmente a prática por meio do sexo feminino, assim como analisado pelo artigo da *Psicologia e Saúde em debate et al.*, (2020). Além disso, ressaltou a necessidade de aumentar o alarme a respeito das consequências da prática de se automedicar.

Para Correia et al. (2019), a importância da participação de profissionais da saúde por meio da disponibilização de informações a respeito da prática de automedicação é indispensável. Contudo, a falta de acesso aos meios de saúde, atendimento com qualidade e propagandas de medicamentos de venda livre caracterizam o perfil da automedicação em território brasileiro. A estimulação exercida por meio das propagandas dos medicamentos fazem com que a pessoa que faz o uso do medicamento só vá ao hospital caso os sintomas permaneçam, além de ter como público-alvo os idosos na maioria das vezes.

Domingues et al., (2017), destacaram em seu estudo a associação negativa entre pessoas de 50 a 65 anos, doentes crônicos e adultos com dificuldade na prática de atividades cotidianas. Os grupos citados foram os que mais realizaram a automedicação em toda a análise da amostra estudada. Os fatores que induzem a prática da automedicação para Domingues et al., (2017) são a dificuldade de acesso ao sistema de saúde e custos de planos e consultas médicas e à venda indiscriminada de medicamentos.

Além disso, para Arrais et al., (1997), o perfil da automedicação no Brasil está relacionado com quatro aspectos qualitativos: valor intrínseco, essencialidade, combinação em dose e necessidade de prescrição médica. O uso de medicamentos foi associado à prática não essencial ou a prescrições médicas anteriores. Os dados da pesquisa sugerem que a automedicação no Brasil reflete as carências e hábitos da população. Foram solicitadas 5.332 especialidades farmacêuticas (785 diferentes princípios ativos), sendo 49,5% combinações em dose fixas, 53,0% de valor intrínseco não elevado, 44,1% sujeitos a prescrição médica, 71,0% não essenciais e 40,0% baseados em prescrições médicas anteriores. Os medicamentos mais solicitados foram analgésicos (17,3%), descongestionantes nasais (7,0%), anti-inflamatório/antirreumático e anti-infecciosos de uso sistêmico, ambos com 5,6%.

Abdelwahed et al., (2022), a análise da amostra estudada, 304 sujeitos (67,3%) praticaram automedicação nos três meses anteriores ao estudo, sendo que a maioria praticou automedicação mais de cinco vezes (66,1%). 172 indivíduos (57,2%) desconheciam os efeitos colaterais dos medicamentos que utilizavam para de automedicar. Mais da metade dos participantes (54%) declararam ter lido os panfletos associados. A maioria (91%) observou que a automedicação os ajudou a aliviar seus sintomas ou curar

sua doença. Quando questionados sobre o que fariam caso a autenticação falhasse, 146 indivíduos (54,9%) afirmaram que procurariam uma consulta médica para melhor investigação e tratamento de sua queixa. Em relação à opinião dos indivíduos sobre a segurança da prática da automedicação, 322 (70,9%) afirmaram não a considerar segura e 237 (52,3%) afirmaram que não recomendariam a automedicação a outras pessoas. Os grupos de medicamentos mais utilizados para automedicação entre os participantes foram analgésicos (55,7%), antitérmicos (15,3%) e antibióticos (11,1%).

Para um paralelo entre países, Ansari et al., (2020), dos 663 entrevistados, 68,6% eram graduados universitários; e 33,9% eram profissionais de saúde. Os consumidores preferiram a automedicação principalmente para dor de cabeça (85,8%), resfriado e dor de garganta (80,8%), tosse (75,7%) e febre (71,8%) com a justificativa de que essas doenças eram leves (90,2%), economia de tempo (82,2%), conveniente (74,7%), alívio mais rápido (66,1%) e econômico (61,2%). A ocupação associou-se significativamente os motivos da preferência pela automedicação. Da mesma forma, idade, gênero e escolaridade também estiveram significativamente associados à maioria dos motivos de opção pela automedicação. As pessoas estavam bastante conscientes sobre as consequências prejudiciais da automedicação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as maiores referências publicadas sobre a automedicação no Brasil foi possível perceber que certos fatores estão altamente ligados a essa prática: saúde pública/privada sem condições ideais, alto número de farmácias e propagandas de medicamentos, livre informação sobre dose e nomes de fármacos, a influência da rede social, a rotina conturbada em grandes centros e todos os fatores socioeconômicos envolvidos. Chegamos à conclusão que para a resolução desse problema é necessária uma parceria entre órgãos do governo a fim de melhorar a qualidade no serviço de saúde oferecido e, além disso, a população deve ser conscientizada sobre os malefícios que a automedicação pode trazer. Esse tema pode ser abordado de diversas maneiras: propagandas, cartilhas, palestras e principalmente dentro de um consultório médico, para que o médico de maneira humanizada e responsável exponha para o paciente todos os riscos que essa prática envolve. Ademais, uma fiscalização por parte dos órgãos competentes em farmácias ajudaria na prevenção, visto que mesmo sabendo dos malefícios que podem ser causados, algumas farmácias vendem remédios sem prescrição médica, mesmo sendo indiscriminada.

Quando comparamos os estudos publicados no Brasil com o estudo feito na Arábia Saudita, podemos perceber que os problemas que levam a automedicação são os mesmos: dor de cabeça, febre baixa, dor de garganta, conhecidos como sintomas leves. O que nos permite traçar um paralelo sobre diversas óticas: a rotina corrida influencia não somente os brasileiros, mas sim todo o mundo, isso acarreta problemas em diversas escalas, visto que uma simples dor de cabeça pode ser o primeiro sintoma de uma doença mais severa.

A análise do padrão da automedicação de acordo com artigos oriundos dos Estados Unidos possibilitou a formação de um paralelo entre os motivos que impulsionam um indivíduo a praticar automedicação tanto em território brasileiro quanto em território norte americano. A facilidade de acesso à medicação associada aos resultados significativos em relação ao combate de sintomas dos mais diversos tipos determina o perfil e a unificação do padrão em ambos os países.

Para finalizar, nós como acadêmicos e futuros profissionais da área da saúde temos o dever de sempre buscar o melhor para os nossos pacientes, acreditar na ciência e principalmente em estudos que comprovem a eficácia do remédio receitado, só assim poderemos evoluir enquanto sociedade.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Paulo Sérgio D. *et al.* **Perfil da automedicação no Brasil.** *Revista de Saúde Pública.* Journal Of Public Health. São Paulo, v.31, n 1. 1997. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/yMXnDgvKwz-mqB7VcyYLJjCT/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 set. 2021.

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado *et al.* **Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors.** *Revista de Saúde Pública.* São Paulo, v. 50, n 13. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/PN-CVwkVMbZYwHvKN9b4ZxRh/?format=html>>. Acesso em: 27 set.2021.

BARROS, Guilherme Antonio Moreira de *et al.* **Uso de analgésicos e o risco da automedicação em amostra de população urbana: estudo transversal.** *Revista Brasileira de Anestesiologia.* São Paulo, v. 69, n 6. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rba/a/DyZDfz5z3XkzNrV3GGfnjRg/?lang=pt>>. Acesso em: 27 set. 2021.

CENTRO DE INFORMAÇÃO DE MEDICAMENTOS. **Uso indiscriminado de medicamentos e automedicação no brasil.** 2020. Disponível em: <<https://www.ufpb.br/cim/contents/menu/publicacoes/cimforma/uso-indiscriminado-de-medicamentos-e-automedicacao-no-brasil>>. Acesso em: 16 mai. 2023.

COPASS. **Os riscos da automedicação aumentaram com a pandemia.** 2021. Disponível em: <<https://copass-saude.com.br/posts/os-riscos-da-automedicacao-aumentaram-com-a-pandemia>>. Acesso em: 16 mai. 2023.

CORREIA, Bruna de Carvalho *et al.* **Fatores correlacionados a automedicação entre os jovens e adultos: uma revisão integrativa da literatura.** *Revista de Iniciação Científica e Extensão.* Goiás, v. 2, n 1. 2019. Disponível em: <<https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/143>>. Acesso em 27 set. 2021.

DOMINGUES, Paulo Henrique Faria *et al.* **Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional.** *Epidemiologia e Serviços de Saúde.* Brasília, v. 26, n 2. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ress/a/FD7s5rP6RwrhLqLVBTgh-GQR/?lang=pt>>. Acesso em: 27 set.2021.

FILLER, Luiz Nilson *et al.* **Caracterização de uma amostra de jovens e adultos em relação à prática de automedicação.** *Revista Psicologia e Saúde em Debate.* Minas Gerais, v. 6, n 2.2020. Disponível em: <<http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/V6N2A27>>. Acesso em: 27 set. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Anvisa alerta para riscos do uso indiscriminado de medicamentos.** 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2021/anvisa-alerta-para-riscos-do-uso-indiscriminado-de-medicamentos>>. Acesso em: 16 mai. 2023.

PFIZER. **Os riscos da automedicação.** 2020. Disponível em: <<https://www.pfizer.com.br/noticias/ultimas-noticias/os-riscos-da-automedicacao>>. Acesso em: 16 mai. 2023.

ABDELWAHED, Rawan N. K.; JASSEM, Manaf ; ALYOUSBASHI, Ayham. Self-Medication Practices, Prevalence, and Associated Factors among Syrian Adult Patients: A Cross-Sectional Study. *Journal of Environmental and Public Health*, v. 2022, p. 1–7, 2022.

ANSARI, Mukhtar; ALANAZI, Abdulrahman ; MOIN, Afrasim. Consumers' awareness, attitude and associated factors towards self-medication in Hail, Saudi Arabia. *PLOS ONE*, v. 15, n. 4, p. e0232322, 2020.